

Pequena inimiga

Mesmo com tamanho diminuto, a traça-da-videira-sul-americana (*Lasiothyris luminosa*) tem potencial para causar sérios danos às bagas, além de abrir caminho para o ingresso de fungos. A complexidade da praga demonstra que não há solução única e que medidas de manejo integrado são indispensáveis para tornar menos prejudicial a convivência com este inseto

Em 2015, alguns produtores de uva de mesa do Vale do São Francisco detectaram danos em inflorescências e em bagas causados por uma lagarta que penetrava nessas estruturas vegetais. Foram reportadas perdas de aproximadamente 10% da produção causadas pela nova praga. O dano mais evidente surge na fase de pré-amolecimento, em que as bagas apodrecem e abrem portas para a entrada de fungos. Após o isolamento e a obtenção dos adultos, foi possível esclarecer a identidade do inseto. O professor Gilson Moreira (UFRGS) identificou todos os exemplares como sendo um microlepidóptero da família Tortricidae, da espécie *Lasiothyris*

luminosa (Razowski & Becker). O nome vulgar traça-da-videira-sul-americana foi adotado para a praga. Ao buscar na literatura, pouco se conhecia da espécie. Até a identificação na região do Vale do São Francisco, o único registro tinha sido em Brusque, Santa Catarina, na década de 1980. Porém, não havia relato de planta hospedeira, muito menos como inseto-praga.

Em virtude da ausência de informações sobre a espécie, diversos estudos foram conduzidos na Embrapa Semiárido. Neste caso, em busca desde informações básicas da biologia da praga, de sua flutuação populacional no campo, até possíveis métodos de controle. A partir desses estudos, atualmente já



Lagarta de *Lasiothyris luminosa* penetrando flor e baga de uva

se tem um conjunto de estratégias que permitem reduzir os danos causados por *L. luminosa*, enquanto outras pesquisas continuam em andamento em busca de novas ferramentas de controle.

RECONHECIMENTO E BIOLOGIA DE *L. LUMINOSA*

A mariposa é muito pequena, com envergadura alar de aproximadamente 4mm. Possui hábito noturno e dificilmente é possível detectar essa fase no campo. A oviposição ocorre diretamente nas estruturas vegetais em que as lagartas irão se alimentar ou próxima a estas, a exemplo dos botões florais, engajo, pedicelo e bagas. Os ovos são muito pequenos (~1mm), com posturas isoladas e não é possível observar no campo. As lagartas recém-eclodidas possuem corpo de coloração creme e cabeça preta. Com menos de 24 horas já penetram nas estruturas vegetais. Com o desenvolvimento, a coloração da cabeça se torna alaranjada e o corpo amarelado transparente. Nesta fase, as lagartas atingem no máximo 4mm. Com o auxílio da teia, a lagarta frequentemente prepara um casulo com restos vegetais que obtém na inflorescência ou no cacho com bagas. A pupação em geral ocorre na inflorescência ou nos cachos, como dentro de bagas e ao redor do pedicelo. O ciclo total de *L. luminosa* a 25°C é de aproximadamente 45 dias, sendo 32 dias referentes à fase de lagar-

ta. Considerando a média elevada de temperatura no Vale do São Francisco, espera-se que este ciclo possa se reduzir para próximo de 30 dias.

MONITORAMENTO

Após estudos de flutuação populacional de *L. luminosa*, constatou-se que a praga ocorre desde os primeiros botões florais até as bagas na época de colheita. O comportamento da espécie é sempre de penetrar nas estruturas vegetais, seja no botão floral, flor, engajo ou nos diferentes estágios de desenvolvimento das bagas. Os responsáveis pelo monitoramento de pragas nas fazendas devem ser treinados para detectar a lagarta ainda no botão floral. Na inflorescência, a lagarta utiliza teia para juntar estruturas vegetais para tornar-se mais protegida, o que pode

ser constatado como pontos ressecados (Figura 2). Na fase de baga, a lagarta frequentemente une duas bagas com a teia. Ao finalizar a alimentação em uma baga, esta migra para a segunda, sem se tornar exposta.

CONTROLE

Algumas práticas culturais auxiliam na redução da população de *L. luminosa*. Dentre estas, há o raleio com os dedos na prefloração. Esta ação torna a inflorescência mais aberta e as lagartas mais expostas ao controle químico ou biológico. Nesta fase, há apenas lagartas recém-eclodidas, que também podem morrer caso sejam manipuladas ou caíam no solo. Esta prática também reduz a necessidade do raleio de bagas, que normalmente ficam no solo. Nesta fase,



Bagas com danos de *Lasiothyris luminosa* indicadas pelas setas (A) e detalhe interno do dano (B)

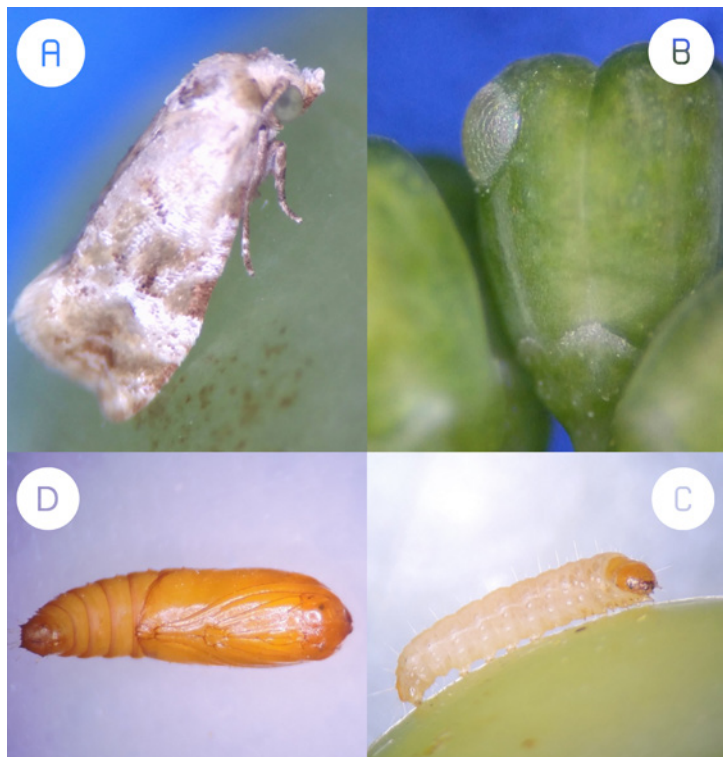


Figura 1 - Fase adulta (A), ovo (B), lagarta (C) e pupa (D) de *Lasiothyris luminosa*




Figura 2 - Proteção criada pela lagarta de *Lasiothyris luminosa* na inflorescência

as lagartas já desenvolvidas conseguem completar o ciclo, logo, reduzir o raleio de bagas auxilia no controle de *L. luminosa*. Já na fase de pré-limpeza dos cachos, a prática já adotada para as moscas-das-frutas, com a coleta das bagas em bandejas para posterior enterrio, é essencial também para a quebra do ciclo da traça.

Atualmente, o espinetoram é o único princípio ativo com registro em videira para o controle de *L. luminosa*. No entanto, o desafio do controle químico é conseguir que o produto atinja o alvo, considerando-se que a lagarta sempre busca penetrar nas estruturas vegetais. É esperado que o controle químico possa ter maior efeito na fase de prefloração e floração, devido à lagarta necessitar migrar de um botão floral para outro, conseqüentemente, tornando-se mais exposta. A desfolha nessa fase é importante para expor as inflorescências e melhorar a cobertura com as pulverizações. Com a formação das bagas é esperada uma redução da eficiência do controle químico, em virtude de que as lagartas dificilmente ficam expostas nesse estágio.

Como consequência da dificuldade de controle da fase larval, experimentos foram conduzidos para avaliar a viabilidade do uso do parasitoide de ovos, *Trichogramma pretiosum*. Primeiramente em laboratório confirmou-se a capacidade desse agente de controle biológico parasitar os ovos de *L. luminosa*. Em áreas comerciais de produção de uva de mesa estudos foram conduzidos com liberações de 200 mil parasitoides/ha, em que foi possível obter uma média de 70% de controle da praga. Neste estudo verificou-se que o parasitoide também parasitou ovos de outra praga da uva, a traça-dos-cachos, *Cryptoblabes gnidiella*. Atualmente, há aproximadamente 1.000ha de uva de mesa no Vale do São Francisco que estão recebendo liberações de *T. pretiosum* para o controle de *L. luminosa*.

A complexidade da traça-da-videira-sul-americana demonstra que não há solução única para a praga. O manejo integrado é essencial para conviver com a espécie e reduzir os danos, a partir de um monitoramento detalhado e adoção de medidas de controle cultural, quími-

co e biológico. A Embrapa Semiárido permanece com pesquisas direcionadas à praga, dentre estas, em busca de isolar o feromônio da mariposa, para permitir um monitoramento mais eficiente e verificar a possibilidade do uso da técnica de confusão sexual. 

Tiago Cardoso da Costa-Lima,
Embrapa Semiárido



Método de liberação com cartela dos parasitoides fixada entre a planta e o arame de condução